

Peleja de Inácio contra o memoricídio dos saberes negros

Sílvio Roberto dos Santos Oliveira ^{1*} 

¹ Universidade do Estado da Bahia - Brasil.

*Autor de correspondência: outrasliteraturas@yahoo.com.br

RESUMO

Este texto reflete sobre o *memoricídio*, consequente à presunção racial branca, como vestígio de operações para o genocídio dos corpos e das mentes negras a partir da *Peleja de Inácio da Catingueira contra Romano*. Sob o jogo discursivo da humilhação, já se encontrava a vontade brutal de destruição de qualquer traço, perspectiva, visão remanescente de saberes e culturas africanas ou descendentes, fossem de cunho material, simbólico, reflexivo, imagético, expressivo, na língua, no corpo. No embate, Inácio, negro, escravizado, já rebaixado sob a égide do sistema escravocrata, embate-se contra a tentativa presunçosa de aniquilamento perpetrada por seu oponente.

ABSTRACT

This text argues on memoricide resultant of White racial false hegemony and its consequences as genocide of Black people bodies and minds presented in " *Peleja de Inácio da Catingueira contra Romano* ". In this work the rethoric of humiliation shows the brutal desire of annihilation of any trend, perspectives or remnant visions based on African knowledge and culture, or any elements descendants from its heritage supported by material, symbolic, imaginative ways expressed in body and language. In the dispute, Inácio, a Black enslaved man under control of White slave system fight against all annihilation strategies from his opponent.

RESUMEN

Este texto reflexiona sobre el memoricidio, consecuencia de la presunción racial blanca, como vestigio de operaciones para el genocidio de cuerpos y mentes negras de la *Peleja de Inácio da Catingueira contra Romano*. Bajo el juego discursivo de la humillación, ya existía una voluntad brutal de destruir cualquier rasgo, perspectiva, visión remanente de los saberes y culturas afrodescendientes, ya fueran materiales, simbólicos, reflexivos, imaginarios, expresivos, en el lenguaje, en el cuerpo. En el choque, Ignacio, negro, esclavizado, ya degradado bajo la égida del sistema esclavista, lucha contra el presuntuoso intento de aniquilamiento perpetrado por su oponente.

PALAVRAS-CHAVE:

Memoricídio
Peleja
Humilhação
Negro

KEYWORDS:

Memoricide
Peleja
Humiliation
Black

PALABRAS-CLAVE:

Memoricio
Luchar
Humillación
Negro

SUBMETIDO: 11 de abril de 2023 | **ACEITO:** 19 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023

© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

-Meu branco, está engraçado
Esse pensamento seu.
O senhor derriba outro
Que não for igual ao meu.
(Inácio da Catingueira)

É um barato humilhante
Quer dar minha cabeça pro seu senhor pôr na estante?
(Emicida, na canção *Inácio da Catingueira*)

O primeiro intento deste trabalho é frisar a presença de Inácio da Catingueira como poeta que se embateu contra o racismo. A sua existência e a sua famosa peleja contra Romano da Mãe D'Água nos faz refletir sobre a obviedade da escravidão enquanto memoricídio, ou seja, morticínio de corpos e saberes negros, conceito possível de ser utilizado para meditar sobre os genocídios pretéritos e contemporâneos. O objetivo deste texto é modesto: analisar o exemplo de Inácio como pretexto da reflexão indicada.

As estratégias memoricidas do mundo ocidental são antigas, estão presentes nas guerras físicas e simbólicas de Grécia Antiga e de Roma Antiga ante povos de outros continentes. Inexistia um conceito de *memoricídio* em séculos antes de Cristo, óbvio, mas já se gestavam ações de rebaixamento de outros sujeitos e seus saberes. Contudo, as estratégias não são as mesmas e mutam-se constantemente. O que não muda, com ou sem o conceito, é o objetivo a sustentar quaisquer tipos de colonização: a destruição da memória do colonizado. Este texto reflete sobre esse objetivo a partir da contenda em que se envolveu Inácio da Catingueira.

A reflexão sobre esse objetivo colonizador provoca o desvelamento de verdades imaginárias, étnico-culturais, recobertas pela versão única do mundo, que se enfrenta e se desconstrói, mas ainda se espraia e ameaça. Assim, fazer aflorar documentos e supostas verdades históricas não corresponde neste texto a uma intenção primaz, mas as repercussões consequentes a certas certezas, sob tantas incertezas, sim. Isto quer dizer, por exemplo, que as dúvidas sobre o ano de nascimento de Inácio ou sobre a sua morte mais fortalecem a recuperação de memória que aqui será explorada por fazer explodir possibilidades de leitura. Neste

caso do poeta, as incertezas proporcionam a própria recomposição de sua memória, pois elas correspondem aos espaços livres, aqueles possíveis de reunir novos dados e interpretações.

Sobre memórias apagadas, considerando o posicionamento de Gisele Beiguelman sobre o assunto, Missiato (2021, p.258) declara:

Embora Beiguelman considere o apagamento das memórias uma coisa diferente do apagamento do Outro, entendendo de modo diferente, já que julgo o extermínio das memórias de um povo ser por si mesmo o próprio apagamento desse povo, uma vez que a retirada da presença de certos grupos minoritários dos anais da história impõe à ancestralidade, bem como a seus descendentes, o enfraquecimento de suas identidades e consciência social, potencializando o desaparecimento simbólico, psíquico e cosmológico da alteridade.

Sem dúvida, “o extermínio das memórias de um povo ser por si mesmo o próprio apagamento desse povo” é uma dolorida constatação, já que tão somente a tentativa de extermínio das memórias já pode afetar e muitas vezes adoecer os corpos e as mentes de sujeitos e descendentes dos povos colonizados em caso de não haver instrumentos de contenção e reparação. Assim, o conceito de *memoricídio*, enquanto um conceito em construção por diversas pesquisas e sob diversos vieses, de BÁEZ (2010), BEIGUELMAN (2019) e variadas outras abordagens, é aqui adotado, inclusive através das reflexões e ações políticas de grupos não acadêmicos. O conceito de *memoricídio* deste texto considera, portanto, a eliminação do patrimônio intangível de um povo equivalente (ou até mais perturbadora) à destruição de patrimônios tangíveis, pois que mata corpos e mentes, com o agravante de ser mais difícil de detectar todas as suas consequências, as perversões de memórias, saberes, histórias, pessoais e coletivas. Como afirma ESCOBAR (2022, p.8) ao resumir análise sobre as repercussões: “uma vez que processos histórico-estruturais do colonialismo deixaram legados imperialistas nos imaginários sociais, mas também são responsáveis pelas dinâmicas de superexploração, subdesenvolvimento e desigualdade”.

O conceito de *memoricídio* suplementa reflexões ao conjunto de temas e tópicos presentes nos conceitos de *necropolítica* (MBEMBE, 2018) e *brutalismo* (MBEMBE, 2021), fundamentais a uma séria análise sobre os temas de *morte* e *destruição*. Sob a injunção dos limites deste texto aqui apresentado, o conceito

de *memorícídio* pretende dialogar, de forma implícita, com esses outros conceitos. Como arremata ESCOBAR (2022, p.35): “Certamente a matança não acontece apenas nos aspectos físicos dos indivíduos”. A perspectiva escolhida contempla sobreposições, sociais, históricas, políticas, estéticas, em matizes psicológicas, relevando os agenciamentos das identidades, as interrelações entre sentidos e suas consequências, conforme nos sugere BOMFIM (2021, p.44), ao refletir sobre proposições de MUNANGA (2012) e FANON (2008), analisando o corpo negro defronte à “colonização da memória e de tudo daquilo que nos constitui enquanto pessoa”, aspecto primaz da colonização:

(...) De uma parte, ele foi subjugado no plano econômico através da perda da sua terra, de sua capacidade de trabalho e, portanto, ele perde a possibilidade de ter autonomia econômica. O segundo processo se dá no plano cultural através da imposição de uma linguagem que não lhe é própria.

Sobre incertezas e apagamentos em torno de Inácio da Catingueira, há várias. Sabe-se que, na primeira metade do século XIX, nasceu na Paraíba (para algumas fontes em torno de 1845; para outras, em torno de 1819), que teria falecido na segunda metade do século (entre 1879 e 1882)¹, cujo sobrenome o adjetiva com a inscrição de sua localidade, indicando a sua origem e estigmatizando-o pelo fado de quem pertence à “catingueira”. Seu nome transita entre a toponímia e o estereótipo da etnonímia. Embora o nome remeta diretamente a uma árvore própria do bioma da caatinga, este qualificativo vinculou-se a concepções pejorativas, de inferioridade, de pobreza, a entendimentos torpes, a exemplo da associação com suores e odores corpóreos. A caatinga demarcaria para o imaginário colonizado de elites raciais e sociais nacionais, em primeiro plano, o desvalor de um território nordestino. Por extensão do preconceito no tempo e nos espaços, em segundo plano, a depender do contexto, todos os sujeitos do Nordeste do Brasil. Em suma, no caso de Inácio, além de ser negro, escravizado, ele era “da catingueira”.

¹ Há mais polêmicas em torno do nascimento que da morte. Câmara Cascudo recuará seu nascimento para 1819, afirmando então que Inácio morreria com pouco mais de sessenta anos. V.: CASCUDO, Luis da Câmara. Vaqueiros e cantadores. São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

Tendo falecido com pouco mais de trinta ou, em alguns depoimentos, mais de sessenta anos, Inácio embateu-se na peleja e inscreveu suas importantes contestações. O posicionamento que aqui se apresenta, interpreta a forte possibilidade de Inácio ter pelejado contra Romano jovem (provavelmente antes dos trinta anos) e que jovem veio a falecer. Acentue-se, porém, que, independentemente do tempo que tenha sobrevivido (aqui a questão é de sobrevivência em meio ao horror imposto), sublinha-se que o pensamento opressor sempre tenta exterminar a *juventude*, suas aspirações, ideias, memórias ancestrais, vigor. Sob esta visão, um escravizado idoso pode ter tido a sua juventude, no mínimo, adoecida. Neste posicionamento, as diferenças entre *a morte de um jovem negro* (que tem a sua vida extirpada nas primeiras décadas) ou *a morte da juventude de uma pessoa negra* (cuja vida é ameaçada em todas as possíveis décadas, cujo corpo é adoecido pela brutalidade do racismo) são temas provocantes que levam ao mesmo viés desta análise.

Inácio foi, sob quaisquer circunstâncias, um jovem sobrevivente negro lutando até onde pode contra as armas humilhantes da escravização. Historicamente, a forma de sua morte não é bem conhecida. Entanto, sob qualquer forma, a morte de um homem jovem negro ou a morte da juventude de uma pessoa negra idosa no século XIX alegoriza tragicamente as relações de crueldade do racismo. É suplemento, mas acentue-se as relações possíveis com as tragédias genocidas dos séculos XX e XXI no Brasil, mesmo considerando a abolição do escravismo oficial (a lamentar ironicamente com o poeta inglês John Donne: “a morte de qualquer pessoa me diminui”). A morte teria se dado, conforme especulações de estudiosos e memória popular, por forte pneumonia apanhada nas tarefas do roçado, ao manusear uma broca. Em qualquer idade, confessa os maus tratos dos trabalhos sob a escravização. Mesmo que isso se alie à outra possibilidade de que ele houvesse conquistado a liberdade, ao menos formalmente, pelas suas contribuições inclusive poéticas, não há diminuição dos maltratos e consequências de anos de escravização, sistema por princípio violento e escarnecedor, não havendo cansaço em repetir esse liame. Por mais que alguns senhores e senhoras tenham sido afamados como “benévolos”, não houve benevolências na escravidão. A juventude de Inácio morreu, essa é a infame alegoria das rasuras da

memória negra e dos assassinatos, diretos ou indiretos, de jovens pessoas negras desde o século XVI no Brasil. A respeito de um possível depoimento sobre a liberdade de Inácio, comentando perspectiva de SOBRINHO (2003) que se baseara em CASCUDO (1984), escreveu SANTOS (2010, p.6):

O depoimento sugere que Inácio vivia livremente a circular pelas regiões vizinhas, sem muita proibições e ainda, que seu ganho ficava para ele mesmo. O que não podemos afirmar que teria sido verdade ou não. Porém, o que se pode observar, a partir da fala referida ao Padre Manoel Otaviano por Alves Sobrinho, é que Inácio rendeu muito dinheiro para a família que o tinha como escravizado. SANTOS, 2010, p. 6)

Inácio teve, escravizado ou livre, a sua matéria corporal transformada em energia para os senhores, o que corresponde à sùmula do *brutalismo* (MBEMBE, 2021). Contemporâneos, Inácio faleceu próximo a outro célebre poeta nordestino, que foi igualmente escravizado: o baiano Luiz Gama. Parecenças e importâncias comparativas entre os dois poetas nos deu Orígenes Lessa em texto no qual apresenta uma sùmula significativa a respeito de Inácio:² “Escravo nasceu, escravo morreu. Negro, portanto, ou quase. E analfabeto. Ainda assim, sobreviveu. Seu gênio o traria até nossos dias como um dos maiores cantadores de seu tempo, se não o maior” (LESSA, 1982, p.1). O “quase” também faz pulular uma cutucada interessante de Lessa a respeito dos mestiços, dos que já questionavam certas convicções, o que já se evoca no título de seu texto: *Inácio da Catingueira e Luís Gama: dois poetas negros contra o racismo dos mestiços*, que correspondeu a um estudo comparativo sobre as lutas de Gama e Inácio. Se Inácio provoca Romano sobre a convicção de branquitude do mesmo, Luiz Gama, em mais de uma ocasião, duvidou da convicção de branquitude de muitos brasileiros. Destaque-se o advérbio conceitual utilizado por Gama em carta a Lúcio de Mendonça em 1880 para acentuar as *melindrosas presunções* dos brancos do século XIX: “Meu pai, não ouse afirmar que fosse branco, porque tais afirmativas neste país, constituem grave perigo perante a verdade, no que concerne à melindrosa presunção das cores humanas.”³

²LESSA, Orígenes. *Inácio da Catingueira e Luís Gama: dois poetas negros contra o racismo dos mestiços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982 (Literatura Popular em Verso, 3).

³ A carta de Luiz Gama, na qual ele narra a história de sua vida, foi escrita em julho de 1880 como resposta a uma solicitação do jornalista e também poeta Lúcio de Mendonça, seu amigo, que em 1881 apresentou um artigo nela baseado. V.: MENDONÇA, Lúcio de. Luiz Gama. In: LISBOA, José Maria (org.). *ALMANACH LITTERARIO de S. Paulo para 1881*. São Paulo, Typografia da “Provincia”, 1880, p. 50 a 62.

Sobre a peleja de Inácio contra Romano, são inúmeros os *apologistas* (aqueles que revertem essas obras orais em variadas outras formas, orais e escritas) assim como inúmeros os que se dedicaram a estudá-la ou a reproduzi-la. Também irá nos lembrar BENJAMIM (2007, p.2) do seguinte:

(...) Apesar do interesse de serem fiéis, na verdade, esses registros constituem variantes escritas, sujeitas a intervenções que as transformam devido às dificuldades de transcrição da linguagem oral para a linguagem escrita, a primeira sempre presa à métrica e à rima fonética .

A versão de Leandro Gomes de Barros é uma das mais conhecidas e bem realizadas representação da insistência dos valores em uma versão, embora a concorrência das formas. Saliente-se que, em verdade, cada versão é mais uma criação em torno da peleja, pois o texto original, oral, dele não houve registro que se possa atestar como idêntico à realização. Assim, há uma corrente de novas composições e formas a partir de uma primeira composição. Importa analisar o que se mantém: a imagem da contenda em que um homem negro escravizado desafia um homem supostamente não negro e senhor de uma pequena terra. Logo nas primeiras estrofes há provocações, como nessa parte da introdução (nomes antepostos para facilitar a leitura):

Romano:

-Romano quando se assanha
treme o norte, abala o sul,
solta bomba envenenada,
vomitando fogo azul,
desmancha negro nos ares,
que cai tornado em paul.

Inácio:

-Inácio quando se assanha,
Cai estrela, a terra treme,
O sol esbarra seu curso,
O mar abala-se e geme,
Cerca-se o mundo de fogo,
E o negro nada teme.

O oponente de Inácio, portanto, foi Francisco Romano Caluête (conhecido também como Romano de Teixeira ou Romano da Mãe d'água), que nasceu em Vila da Mãe D'água, cidade de Teixeira, Paraíba, em 1840. Notícias o dão como um lavrador, possuidor de um roçado e de um escravizado, não sendo dos mais abastados e poderosos, mas o suficiente famoso e temido nas cantorias para arrogar-se branco e superior ao seu oponente. Romano terá morrido em 1891. Há mais certezas que incertezas no caso de Romano, oriundo da famosa família Caluetê. Contudo há de se ter cuidado, mesmo com a certezas. À época da contenda, encontravam-se frente à frente dois prováveis jovens, é bem verdade, de histórias pessoais distintas. Se é muito provável que Romano fosse apenas melindrosamente branco, não há como afirmar. Entanto, há como afirmar a sua branquitude mental. No caso de Inácio, este indica ao seu modo que Romano era branco em melindrosa presunção. Como já se disse, elegeu-se para os destaques a versão de Leandro Gomes de Barro, por estimá-la enquanto composição e porque enfatiza em suas estrofes aquilo que já se encontrava nas versões mais antigas.

Como afirmam Pinto e Coelho, há “discurso racista como fonte de conflito axiológico na obra analisada” e “elementos discursivos que demonstram o valor da poesia de repente como gênero literário e o embate entre valorações sociais conflitantes marcadas na cultura popular do nordeste brasileiro, durante o período de produção da obra analisada” (PINTO; COELHO, 2020, p. 251-252). A peça do gênero *Peleja* fez ressaltar o embate racial sob o prisma da forma literária:

Cada estrofe é um elo na corrente complexa de enunciados da própria cantoria e dos outros discursos sociais com os quais se relaciona. Constitui, também, um enunciado pleno de sentido, uma unidade da comunicação verbal relacionada com o conjunto do texto. É assim, pois, que em cada estrofe está a voz de cada um dos cantadores, que exorta e requer a resposta do outro. Isto implica dizer que o desafio de cantadores pressuponha uma alternância de estrofes que, individualmente, têm acabamento, encerram um sentido que torna possível uma resposta.

Na peleja, há o cantador 1 e o cantador 2. cujas “vozes estabelecem as clássicas relações de *síncrese* e *anácrise*, conforme o estilo dos diálogos socráticos” (PINTO; COELHO, 2020, p. 252) através do confronto e na provocação. A presunção racial é estilística, mas também é racista, pois se manifesta através das estruturas discursivas da humilhação, presentes na peleja e na adoção pelo pensamento colonizador europeu de um dos traços do riso, que é o da expressão *derrisória*

(BERGSON, 1987). Do ponto de vista da peleja enquanto forma, vence quem rimar melhor e sob a adequação de ideias e versos. Afora isto, geralmente nas pelejas se adota também o discurso da *pabulagem*, enumerando e evocando elementos associados à natureza da terra, no caso, do sertão nordestino. Na peleja de Romano com Inácio, há uma espécie de *traição* do primeiro, que assume em verdade a estratégia da humilhação: fugir às regras, apresentar aspectos imprevistos, questionar o outro sobre um assunto “fora do território”. Esse instrumento, como já se disse, resulta da perversão colonizadora e se reproduz lamentavelmente em ações de determinadas tradições “pedagógicas”.⁴ A inflexão reflexiva (PINTO; COELHO, 2020, p.250) é relevante:

A análise das diferentes vozes discursivas desta poesia de repente, a de um escravizador e a de um escravizado no sertão nordestino da segunda metade do século XIX, traz a oportunidade de verificar vários dos valores sociais em disputa naquela sociedade, ao mesmo tempo em que permite contribuir para o entendimento de alguns discursos que, ao longo da história, constituíram as imagens estéticas dos povos dos estados do Nordeste (...).

Na peleja e na vida de Inácio, há uma grande alegoria sobre esse tipo de embate. Aquele supostamente mais fragilizado (no caso, um homem negro escravizado) está diante da estratégia da humilhação, que é acionada por Romano (supostamente homem branco senhor de escravizados). Na peleja, Inácio estucia e desarma o outro, como nos fez pensar, ao tratar dos contos populares, a pesquisadora Doralice Alcoforado (1990). Obviamente tudo isso como alegoria para os nossos embates sociais, raciais, epistêmicos, acadêmicos, universitários, escolares, filosóficos. O fato é que há uma tentativa de aniquilamento, busca-se a morte do outro.

Esta vontade da sobrepujância há, é óbvio, em quase todas as nascentes culturais, mas enquanto estratégia de dominação de uma civilização por outra a nascente é europeia, com tentáculos se refugiando na soberba intelectual de

⁴ Isto é ilustrado como alegoria ficcional no romance David Lodge intitulado *Changing Places* (1975). No universo ficcional, esse jogo é apresentado ao Departamento de Inglês da Euphoric State University pelo professor britânico Philip Swallow. Nesse jogo, professores que não leram determinados livros são humilhados por aqueles que supostamente leram tais livros. Isso é uma figuração de vexatórias relações escolares, mas ressalta o potencial de humilhação institucional, oficial e social. V.: LODGE, D. *Changing places: A tale of two campuses*. London, UK: Penguin, 1978.

academias e mesmo ambientes escolares, que instauram o desconforto sobre a consciência da morte social e simbólica. A peleja releva a voz de Inácio, jovem negro, escravizado na Paraíba, em meados do século XIX, mesmo que a sua idade final seja incerteza mórbida sobre as várias espécies possíveis de memoricídio. É preciso acentuar isto, repeti-lo, para que a informação não se perca pela análise discursiva: a peleja de Inácio foi a de um jovem contra a escravidão. Evidentemente esta violência corre o risco de esmaecer pela distância do tempo e talvez pela cabível aplicação da noção de *genocídio* ao crime contemporâneo relacionado a chacinas muitas vezes abalizadas pelas armas que invadem morros e favelas. Aqui não se distancia genocídio de memoricídio, embora o sangue que escorra das vozes orais ou das páginas escritas da literatura nem sempre emerja vermelho, pois as palavras dos textos nos indicam como a crueldade e o assassinato podem operar com sutilezas e como podem se efetivar através de signos e de gestos. A peleja de Inácio contra Romano fica a servir como infeliz alegoria para o contexto social brasileiro do século XIX e até do XXI. Não só nos morros, mas em salas de aula quando, sob a desorientação da mesma presunção de Romano, o mestre represente *aquele que sabe* diante de *quem não sabe*.

Estudiosos da vida de Inácio, como Orígenes Lessa, sob toda a admiração confessa, o viu revestido do estereótipo naturalista e determinista, acentuando o poeta como cachaceiro, farrista, incapaz de encontrar pessoas aptas a registrar e organizar as suas criações, conforme salienta SANTOS (2010, p.5):

Observamos nessa fala de Lessa a reprodução folclórica da imagem do Cantador, que o próprio autor parece criticar, no entanto a reproduz. Descrito como um sujeito "incapaz" de escrever suas produções e cercado de pessoas também incapazes de "registrar os seus repentos" devido a noites de "cachaças". Inácio da Catingueira é descrito como um fanfarrão que vive num espaço idílico de festas e bebidas e que tem como "companheiro favorito" um pandeiro. Orígenes Lessa argumenta que foram por esses motivos que a produção do poeta se perdeu. Elementos históricos que compunham a vida de um escravizado no século XIX são desconsiderados, o que fica são apenas as imagens naturalizadas que cercam o Cantador de lendas e ficções. Crítica que em partes o pesquisador Orígenes Lessa tentou levantar.

Ele é um homem do século XIX e geralmente quando pensamos em alguém de um passado distante, mesmo não tão longínquo, a imagem que o cérebro recria é de uma pessoa mais amadurecida. Obviamente no nosso campo de

leitura do mundo, isto é um elogio a Inácio, um de nossos Mais Velhos em poesia, certamente recado profundo de nossa ancestralidade. Mas a outra possibilidade de ter morrido muito jovem não é menosprezível.

Óbvio também é que as vítimas sobreviventes ao crime da escravidão e que se tornaram pessoas idosas foram heroínas de grandes lições. O fato é que inúmeras sucumbiram às atrocidades das torturas ou do suficientemente cruel cotidiano das labutas e exigências dos senhores e senhoras. Tenha sido por “causas naturais” ou advindo de alguma ação violenta (das relações com o escravizador ou outras relacionadas à condição de escravizado), o fato é que a juventude física de Inácio da Catingueira sucumbiu. O que não sucumbiu foi a sua genialidade e destreza com as palavras.

Pede-se nesta parte da análise inclusive licença aos mais velhos para um pequeno parêntesis de efeito comparativo e suplementar ao assunto central:

Ao refletir sobre as vicissitudes de Inácio da Catingueira é possível lembrar também a história do professor ucraniano Evgeny Stepanovich Kobytsev (1910-1973). A história deste professor de literatura e artista só comprova a vileza das guerras e dos dominadores. Ele era muito jovem quando se alistou contra o nazismo durante a segunda guerra mundial. Seu destacamento foi derrotado pelas forças alemãs e ele levado a um campo de concentração em 1941. Conseguiu escapar em 1943 e voltou ao campo de batalhas. Após o fim da guerra, tornou a lecionar, mas teria desenvolvido estresse pós-traumático, seu corpo envelhecendo assustadoramente. Fotos de seu rosto, que contrastam o vigor juvenil a uma senilidade física precoce encontram-se no Museu Andrei Pozdeev, em Krasnoyarsk, na Sibéria. A notícia sobre a sua vida ainda circula em livros, artigos e em postagens nas redes sociais da atualidade como uma nota de horror.⁵

Como Evgeny faz-nos pensar em Inácio? A impressionante transformação do corpo, especialmente do rosto, de Evgeny, as vicissitudes da guerra envelhecendo-o em poucos anos, convida-nos a meditar sobre a morte da juventude em situações de horror, da guerra. Mas o quanto envelheceu a juventude que foi

⁵ Ver, por exemplo, reportagem do Jornal O Globo, disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2022/06/quem-e-o-soldado-nas-fotos-que-mostram-seu-rosto-antes-e-depois-da-segunda-guerra.ghtml>.

capturada pela escravidão e o quanto envelhece a juventude que é ameaçada pelo racismo na sociedade? Não haver fartas notas de comoção pelos jovens que sucumbiram nas batalhas da escravidão resulta também de memoricídio. Cabe uma pergunta sobre retratos de idosos negros no século XIX: quantos não seriam pessoas jovens maltratadas e espoliadas pela escravidão oficial ou não oficial em fins do século XIX? Por fim, o esquecimento ou apagamento das datas de nascimento e das origens de escravizados são, em certa medida, equivalente à tendência brasileira de adotar o esquecimento como outra estratégia colonizadora de desmemória, equivalente a outro tipo de suposta benevolência, aquela conveniente e que insiste em querer apagar a “nódoa que a mãe pátria imprimiu na sua própria face” (NABUCO, 2011, p.91).

Há uma distância de século e meio de Inácio para um rapaz das sinaleiras do trânsito urbano do século XXI, e isto só facilita que, ainda horrorizados, reconheçamos o quanto experienciar o racismo, de modo objetivo ou velado, afeta a saúde física e mental, as relações, os gestos, a vida. Mesmo tão somente vivenciar situações cotidianas de racismo sofridas por semelhantes afeta sem dúvida a saúde de pessoas negras. Esse cenário tão contemporâneo sublinha ainda mais as vicissitudes sofridas por Inácio no século XIX, que, então, se torna aqui uma figuração de resistência além do tempo e da própria morte, pois continua a ecoar diante das ameaças a sua voz:

Romano:

-Inácio, tu me conheces
E sabes bem eu quem sou,
E tenho que te garantir,
Que à Catingueira inda vou,
Vou derribar teu castelo,
Que nunca se derribou.

Inácio:

-É mais fácil um boi voar,
O cururu ficar belo,
Aruá jogar cacete

E cobra calçar chinelo,
Do que haver um barbado
Que derribe meu castelo.

Já dito anteriormente, uma das estratégias adotadas pelo colonizador para mitigar a memória do colonizado é a *da humilhação*, praticada até os dias de hoje pela tradição hegemônica, branca, masculina e burguesa, que tenta aniquilar a expressividade de sujeitos negros, provocando muitas vezes o adoecimento e a morte social, física, como também subjetiva, mental desses sujeitos.

Como afirma PIROLI (2017), a temática da humilhação é extraída do discurso filosófico e religioso (com a conotação de “ser humilde”) no século XVIII para o âmbito teórico da justiça, comprometendo ideários nacionais mas também críticos a respeito do “potencial de humilhação institucional”. Anota também a posterior e crescente preocupação com formas de mitigar os instrumentos de humilhação institucional, frisando que tanto a ideia de humildade quanto a de humilhação derivam do mesmo radical, que remete ao sentido de “inferior” e “rebaixado”. Recorda-nos, então, de NUSSBAUM (2016), que fez avultar o sentido de *oligória* enquanto *punição por vergonha* já na Grécia Antiga. Esse sentido de *oligória* pode ser ao menos avaliado como um fundamento das hierarquias institucionais do mundo que se vê herdeiro do greco-latino. Embora o contexto brasileiro seja lido a partir dos valores que se espraiam no século XVII, pensar os processos de construção da temática da humilhação no ocidente desde as suas ditas origens pode facilitar determinadas compreensões.

Marca-se o jogo da humilhação a violentar alvos de sua preferência, os corpos negros. Precisamos compreender o racismo em suas camadas e estratégias, que mantêm o genocídio, mesmo após a abolição legal da escravidão. O genocídio continua se dando, não tão somente pelo morticínio, também pela anulação do viver, da aniquilação das aspirações, dos raciocínios, das esperanças, das oportunidades, da criatividade (Isto se relaciona a discussões sobre antinegitude, tradição afro-brasileira, violência racial e social).

No caso aqui avaliado, o de Inácio da Catingueira em seu embate com Romano, embora sejam consideradas as específicas técnicas da tradição oral na abordagem da tradição das pelejas, denota-se a referida estratégia de humilhação, comum a variadas formas orais ou escritas de literatura, que procuram rebaixar a inteligência e dignidade do outro, visto como inferior. Esta mesma estratégia vai além do jogo poético e, neste momento, já se faz desnecessário enfatizar, é reproduzida por posturas intelectuais e acadêmicas, que tentam se sobrepor a outras posturas, consideradas menores sob o prisma da episteme ocidental, em visão homogeneizadora e estigmatizadora.

A contenda se desenvolve em equivalência de forças (existe o mito de que a peleja durou oito dias pelo potencial dos dois poetas) e, conforme as versões, em suas variâncias, os adversários questionavam e respondiam um ao outro com criatividade e destreza. Romano espicaçava Inácio chamando-o de “meu negro”, Inácio respondia com sarcasmo chamando-o de “meu branco”. Com conhecimento de formas e de assunto, revidava os ataques de Romano:

Romano:

-Meu negro, você comigo
Não pode contar vitória
Porque faço-lhe um serviço
Que ficará em memória.
Quebro-te as costas a pau
E as mãos com palmatória.

Inácio:

-Meu branco, se o senhor diz
Que ainda tem de me açoitar,
Deixe dessa tentação,
Creia em Deus, cuide em rezar.
Eu lhe juro adiantado,

Um homem só não me dá.

A contenda crescia, a virulência dos ataques poéticos e provocações também. Até que Inácio resolve arremeter um forte golpe no oponente, avivando ainda mais a questão da origem racial:

Romano:

-Negro, eu canto contigo,
Por um amigo pedir.
Visto me sacrificar,
Não me importa de o ferir.
Calco onde achar mais mole
E bato enquanto bulir.

Inácio:

-Essa sua frase agora
Me deixou admirado.
Para vossa mercê ser branco,
Seu couro é muito queimado.
Seu nariz achatou muito,
Seu cabelo é agastado.

Para compreender a dimensão da resposta de Inácio é preciso retomar antes a dimensão da pergunta de Romano, que interage com as referidas anteriormente estratégias de humilhação colonizadoras, mote para refletirmos sobre estigmatização e rebaixamento. Entender essas estratégias nos auxilia a compreender expressões de defesa por ciências e saberes mais condizentes a uma ótica negra. A estratégia de rebaixamento assumida por Romano é aquela mesma que traduz certos mecanismos racistas assumidos pelos colonizadores e reproduzidos em muitas instâncias das sociedades ocidentais contemporâneas,

mais especificamente na sociedade brasileira. A resposta de Romano desvia o assunto e trai a *pabulagem*:

Romano:

-Já faço tu te calares,
Não quero articulação,
Vamos à geografia,
Que chama o povo atenção.
Veja se entende ou se pode
Me dar uma explicação.

Existem as inúmeras versões, mas em todas elas, de algum modo Inácio tenta se soerguer reparando o desvio do oponente. Segue como está na versão de Gomes de Barros:

Inácio:

-Senhor Romano, eu me lembro
O que meu senhor dizia,
O mundo tem cinco partes,
São: Ásia e Oceania,
América, Europa e África,
Assim diz a geografia.

Romano novamente insiste em aspectos alienígenas ao conhecimento de Inácio:

Romano:

-Então, deves conhecer
De Cabo, Estreitos e Mar,
Os golfos, as raças todas,
Deve estar de tudo ao par,
Afina a tua cachola,
Lá vou eu te perguntar.

A contenda segue, mas como a ênfase temática de Romano não muda, Inácio se esquiva criativamente e a peleja vai chegando ao final:

Inácio:

-Patrão, faça ponto aí,
Nesse embrulho é que não vou.
Você quer que eu lhe diga
O que ninguém me ensinou,
A geografia é difícil,
Dela muito longe estou.

Romano:

-Eu bem conheço, Inácio,
Que a respiração te falta,
Isso é bom para Romano,
Que canta e não se delata.
De onde estou ninguém me tira,
Nó que dou ninguém desata.

Inácio:

-Vossa mercê, nessa terra,
Está na fama dos anéis.
Desde quando pequeno que canta,
Em quatro, em seis e em dez.
Mas amarre com as mãos,
Que eu desmancho com os pés.

Frise-se: na história imaginária da literatura popular, Romano teria “vencido” a contenda. Não foi isso exatamente o que ocorreu. A peleja literária, em suas variadas versões, ficou conhecida como uma das memoráveis batalhas entre poetas, pois os dois, sob seus parâmetros, realizaram muito bem os versos, em forma e conteúdo. Na peleja e na vida de Inácio, há uma grande alegoria sobre esse tipo de embate: como foi visto, sobre a estratégia da humilhação com vistas ao esquecimento, ao querer fazer esquecer, Romano implicitamente deseja que Inácio se apague, perca a memória, desdiga o que apresentou, deslembre o que realça (PINTO; COELHO, 2020, p.263):

O tema do esquecimento é proposto por Romano em tom de pedido, sedução, convencimento. O fundamental desse tema é convencer que *esquecer dá mais resultado*, é melhor, evita uma confrontação descabida, *acaba a discussão*. A orientação social que associa *esquecimento e paz social* é fortemente presente na sociedade brasileira, até hoje, e já se mostrava parte da ideologia dominante à época.

Esquecimento é a ação finalizatória do jogo da humilhação. É preciso assumir o *esquecimento* enquanto reconstrução potente da memória. Assim faz Inácio. Sem dúvida, Inácio não perdeu o embate, nesse embate não houve exatamente um vencedor. A jactância de Romano inscrita nesta versão é apenas aparente. Ele se vale exatamente da dita estratégia aqui analisada para humilhar o outro. Evita o prosseguimento, interrompe o aprofundamento da questão. Propõe discutir sobre informações que estão em livros que o outro nunca leu. Esse é o fundamento memoricida para transformar o outro apenas em matéria bruta de energia, aniquilando mentes e corpos. Aproxima-se aqui o conceito de memoricídio desse outro conceito formulado por MBEMBE (2021, p. 19): “A transformação da humanidade em matéria e energia é o projeto final do brutalismo.”

O embate de forças, como já anotado, integra o corolário da literatura oral e popular, inclusive como tradição na Península Ibérica. Este dado só ressalva o fato de que populares (fossem eles mouros de pele escura em Portugal ou em Espanha ou pessoas desprotegidas) armavam-se de contragolpe, da astúcia, assim como fez Inácio. Essa astúcia e luta tradicional é representada em muitas narrativas, fábulas, facécias, por sujeitos de vestes e linguagens desprestigiadas ou por personagens que iniciam a história sempre em desvantagem, e compensam isto com algum tipo de armadilha ou cilada inteligente sobre o mais forte, pois vigia, observa, resguarda-se e na oportunidade dá o bote.

No Brasil, pessoas negras sofreram variados processos de *invisibilização*, que não corresponderam sempre a estratégias de *apagamento*, mas em tentativas de subordinação de histórias e personalidades. Isto ocorreu na literatura, em suas formas escritas e orais. Movimentos individuais e coletivos de resistência fornecem respostas a esses processos no passado e no presente. Inácio da Catingueira é um desses emblemas significativos.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. A escritura e a voz. Salvador: EGBA: Fundação das Artes, 1990.

BÁEZ, F. A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2010.

BATISTA, F. d. C. Cantadores e poetas populares. João Pessoa, PB: Tipografia da Popular Editora, 1920.

BEIGUELMAN, Giselle. Memória da amnésia: políticas do esquecimento. São Paulo, SESC, 2019.

BENJAMIN, R. Oralidade Primária na memória da cantoria-de-viola: apologistas. *Organon- Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, jul. 2007.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico** Trad. de Nathanael C. Caixeiro). Rio, Rocco, 1987.

CARVALHO, J. R. de. Cancioneiros do Norte. 2. ed. João Pessoa, PB: Livraria São Paulo, 1928.

COUTINHO, F. Violas e repentos, em prosa e verso. 2. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

ESCOBAR, Nuncia Gabriele Guimarães. *Memoricídio, genocídio e resistência: A trajetória de M.I.A e o Y da encruzilhada*. Santa Maria, UFSM, 2022.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

LEWIN, Linda. *Who was "O Grande Romano"? genealogical purity the indian "past", and whiteness in Brazil's Northeast backlands, 1750-1900 (artigo de 1941)*. In: *Journal of Latin American Lore*, n.19,1996, p. 129-179.

LESSA, Orígenes. Inácio da Catingueira e Luís Gama: dois poetas negros contra o racismo dos mestiços. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982 (Literatura Popular em Verso, 3).

Luciany Aparecida Alves Santos. Inácio da Catingueira: a construção de um personagem negro na historiografia da literatura de cordel brasileira. In: *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.1, n.1, 2010. P.1-8.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. São Paulo: n.1 edições, 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MISSIATO, Leandro Aparecido Fonseca. *Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento*. IN: Revista Memória em Rede, Pelotas, v.13, n.24, Jan/Jul.2021, p.252-273.

MOTA, L. Cantadores. Poesia e linguagens do sertão cearense. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2000.

MUNANGA, K. *Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?*. Revista da ABPN, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2012, p. 6-14.

NABUCO, J. Influência da escravidão sobre a nacionalidade. In: *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016. 2ªed.

PINTO, Mayra; COELHO, Sandino. *Peleja histórica de Inácio da Catingueira e Romano Caluête: uma análise dialógica do repente brasileiro*. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 33, n. 3, , set.-dez. 2020, p. 247-265.

PIROLI, Diana. Notas sobre humilhação institucional: Rawls, MArgalit e Nussbaum. Florianópolis, UFSC, 2017,

TRAD, Leny A. Bomfim. *Identidade, colonialidade e reconhecimento: intersecções que atravessam o corpo negro e as práticas de resistência no Brasil*. In: TRAD, Leny A. Bomfim; SILVA, Hilton P; ARAÚJO, Edna Maria de; SILVA, Joilda; SOUSA, Alder M. De (org.). **Saúde-doença-cuidado de pessoas negras: expressões do racismo e de resistência**. Salvador: EDUFBA, 20 21.